

# Educação Dos dedos verdes à escola padrão

TERESA FROTA \*

Observando o menino de rua, de mais ou menos 10 anos, negro, maltrapilho, mal cuidado, brincando com pintura a dedo no calçadão da Avenida Atlântica, perfeitamente integrado à atividade, questionei o significado da palavra "preconceito".

Ao lado de crianças socialmente adaptadas, o menino, com as mãos lambuzadas de tinta verde, desenhando uma ambulância no papel estendido no chão, faz pensar numa coletividade onde todos tenham acesso à educação.

Aquela criança nascida em meio social desfavorável já é discriminada por antecipação. Esses são os alcunhados de "moleques", "pivetes" que tanto pavor provocam e que, conscientes dessa particularidade, assumem a postura correspondente à expectativa geral — um padrão de comportamento violento e agressivo desrespeitando qualquer norma pré-estabelecida.

O cidadão que se sente violentado em seus direitos esquece, ao se defrontar com esses menores, que essa resistência é consequente da negligência em relação às questões da coletividade. O "eu" indivíduo se concentra, exclusivamente, nos problemas pessoais segregando, egoisticamente, o outro em detrimento de um possível esforço para sociabilizar e recuperar o semelhante que, por se en-

contrar em estado de absoluto desamparo, reage. A delinquência, violência e revolta dessa geração criada no caos urbano deixará de se agravar no momento em que nos predispusermos a modificar o modelo atual.

Voltamos, assim, ao trinômio saúde-educação-cultura, o único caminho a ser percorrido para o bem estar social. Saúde é obrigação do Estado. Educação é obrigação do Estado. Cultura é obrigação do Estado. Uma nação forte é sustentada por essas três bases. Todo cidadão deve ter pleno conhecimento de seus direitos. E deveres.

Mentira afirmar que a classe pobre não se emociona através da arte. Eles apenas não têm oportunidade de vivenciar qualquer experiência para o despertar dessa sensibilidade. Esse conhecimento formará um adulto com força de pensamento e poder de ação, em oposição ao crescimento desordenado de uma sub-raça débil intelectualmente e subserviente. É necessidade moral tirar as crianças das ruas. É indispensável levá-las à escola.

Não à escola que não tem professores, giz, carteiras ou papel higiênico e é consequentemente depredada. Não à escola que por seu alto custo elimina de seus quadros a maior parte da comunidade. É necessário reformular o conceito de escola. Fundamentar

se nos moldes da maioria dos países desenvolvidos e instituir a obrigatoriedade da freqüência. Adotando-se a obrigatoriedade da freqüência para crianças acima de cinco anos dá-se o pontapé inicial na "escola padrão" onde saúde, educação e cultura partilham da mesma importância e espaço, oferecendo um leque de atividades atraentes o suficiente para que o aluno descubra motivações para cursá-la. Esclarecer a criança para a necessidade de uma base cultural para torná-la um ser humano digno e produtivo.

Eliminando a supremacia da escola particular, todas as crianças, de diferentes camadas sociais, freqüentariam a mesma escola reconhecendo a importância de sua permanência ali.

Ao ingressar na "escola padrão", o aluno inicia o processo de descoberta de opções encaminhado por orientadores de formação sólida em diversas áreas, que estimularão o lúdico. Crescer com arte, através da arte, para melhor compreensão do mundo. Aprender, com prazer, o exercício da convivência com o seu semelhante, em grupo. Música, dramatização, escultura, pintura, entre outros, até informática, passando pela educação física direcionada ao corpo, evidenciando o trabalho de equipe e a força da união, ao lado das matérias

curriculares, com duas opções de horário — integral e meio período de 6 horas, essas sim obrigatorias —, com direito a pelo menos uma refeição e lanche. Nas férias, a escola permanece aberta para atividades extra-curriculares de acordo com a aptidão e desejo dos alunos.

Os menores retirados das ruas serão levados, à noite, para instituições nos moldes de albergue, com entrada e saída controladas. Os casos mais problemáticos passarão um por um período de adaptação no CAR.

O CAR, Centro de Recuperação pela Arte, será o órgão de apoio à "escola padrão", onde através de atividades artísticas o menor sinta vontade de participar de um meio social diverso daquele em que vive (dramatização, musicalização, etc).

O atendimento médico, oftalmológico e dentário será periódico, e os respectivos profissionais detectarão a necessidade de tratamento prolongado, encaminhando as crianças aos postos de saúde ativos.

A "escola padrão" tem por objetivo educar o ser humano acima de qualquer preconceito, para que a sociedade se liberte de seus maiores males: analfabetismo, subnutrição, violência. Uma distribuição não só de renda, mas de Educação e Cultura mais justa.

Supl. Lideres  
do Ananha 18